

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COLEÇÃO “MITOLOGIA PARA CRIANÇAS”

SOMES NOTES ON THE COLECTION “MYTHOLOGY FOR CHILDREN”

ANA FERREIRA

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PORTUGUESES E ESTUDOS ROMÂNICOS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

AFERREIRA@LETRAS.UP.PT

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1764-8842](https://orcid.org/0000-0003-1764-8842)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 08/05/2024

TEXTO APROVADO EM /TEXT APPROVED ON: 09 /07/2024

155

No dia 15 de abril de 2021, a Cofina Mediabooks/Atlântico Press/*Correio da Manhã*, lançou no mercado nacional a coleção “Mitologia para crianças”, tradução da homónima espanhola, distribuída pelo *El País*. A versão espanhola é constituída de setenta volumes; em Portugal, saíram apenas quarenta e cinco (semanalmente até 17 de fevereiro de 2022).

Cada livro tem cerca de trinta páginas (que não estão numeradas; paginação da responsabilidade de Ricardo Farinha) e é amplamente ilustrado por Christian Villacañas e Jaume Cullell. Quanto à tradução, é de Ivan Figueiras (com revisão linguística de Alda Rocha). Os textos originais, por sua vez, são de autoria diversa: *Teseu e o Minotauro*, *A Viagem de Ulisses: os Lotófagos* (volume 1 e 6) foram escritos por Eduardo Acín Dal Maschio; *O Cavalo de Troia* e *O Mito de Pandora* (volume 2 e 7), por Eduardo Acín Dal Maschio e Carla Pascual Roig; *Os Trabalhos de*

Hércules I e II e Zeus, O Rei do Olimpo, O Herói Aquiles, O Voo de Ícaro, Perseu e Medusa (volume 3 e 5, 4, 8, 9, 10), por Javier Alonso López¹.

Esta coleção está muitíssimo bem conseguida e aparenta, de facto, ter sido minuciosamente pensada para despertar a curiosidade e prender o interesse de miúdos² e graúdos. Para isso, contribuem vários pormenores de natureza diversa.

O primeiro elemento a realçar é a fórmula de acolhimento que antecede todas as narrativas: “Bem-vindo ao mundo mágico dos mitos. Clio, a musa da História, irá guiar-te nesta viagem repleta de aventuras emocionantes.” Quem estudou a literatura e a cultura grega antigas não pode deixar de intuir (mesmo que os responsáveis da coleção possam não ter pensado nisso) aquilo que parecem ser dois dos seus traços: a importância da hospitalidade (*i.e.*, o empenho em acolher bem o outro, neste caso, o leitor); o recurso ao registo formular, próprio das literaturas de transmissão oral – o que sugere uma tentativa de aproximação às circunstâncias originais da difusão das narrativas mitológicas nos primórdios do mundo antigo³. Mais do que estas possíveis influências, importa principalmente salientar que a repetição da fórmula acaba por criar uma espécie de ritual – ou rotina – que as crianças tanto apreciam. Acresce a promessa de viagens e aventuras emocionantes, duas experiências que, por norma, agradam a qualquer um. Além disso, o facto de serem informadas de modo sumário sobre a “viagem” que vai ter início ajuda as crianças

156

1 A informação dada neste parágrafo é relativa aos onze volumes vendidos no momento da redação deste texto. No âmbito desta reflexão, serão tidos em conta essencialmente os dois primeiros volumes. Quando a coleção tiver sido publicada na íntegra, é nosso objetivo refletir sobre os três volumes dedicados aos *labores* de Hércules e os sete dedicados aos *erros* de Ulisses, que são as aventuras preferidas pelos mais novos.

2 Não nos foi possível encontrar informação sobre a faixa etária a que se destinam estes livros. Parece-nos, contudo, que serão particularmente apelativos para o público de idade compreendida entre os três e os dez anos.

3 Vd. *Os Trabalhos de Hércules* (I), p. 2, onde se refere que as histórias de deuses e heróis eram transmitidas oralmente pelos anciãos.

a transporem-se para o universo do imaginário e predispoem-nas a imaginarem-se a viver essas aventuras.

Ora, como ficou evidente da leitura da fórmula transcrita no parágrafo anterior, o reconto dos diferentes episódios mitológicos é assegurado por uma mesma narradora onisciente, que é, ela própria, membro da grande família dos deuses, heróis e afins. Falamos de Clio, a musa da História, que, qual aedo, narra com muito entusiasmo o que se propõe contar. O facto de se dar a conhecer o nome do responsável pela narração, que, como se disse, é sempre o mesmo, contribui para que o pequeno leitor/ouvinte se sinta mais predisposto a tomar parte dessa viagem, até porque, a partir de um certo momento, Clio deixa de ser um mero guia e converte-se numa companheira de jornada, uma espécie de melhor amiga ou irmã mais velha, que por vezes até interpela o leitor: “E tu, consegues adivinhar qual era o seu plano?” (*O Cavalo de Troia*, p. 10)

Quanto às narrativas, têm características que contribuem para prender a atenção de quem lê, pois são com frequência entrecortadas por diálogos que lhes conferem vivacidade. As descrições de espaços e personagens são bastante visuais e criam no leitor a sensação de estar a assistir *in loco* ao desenrolar da ação⁴. Para essa impressão concorre também a narração propriamente dita, que é intensa, expressiva, indutora de interesse e vontade de conhecer cada detalhe e o desenlace da história.

No que diz respeito ao registo linguístico, é agradável notar que prima – no geral – pela correção⁵. Apesar de a linguagem ser simples e acessível a falantes de tenra idade⁶, não é infantilizada.

4 Vd. pp. 5-6.

5 *Quandoque bonus dormitat Homerus* (Hor. Ars. 359): na primeira frase da segunda página d' *Os Trabalhos de Hércules (I)*, falta uma vírgula entre *humano* e *que*; no segundo parágrafo de *Zeus, o rei do Olimpo*, por gralha certamente, pode ler-se “Mas antes de se ter apropriado (*sic*) do poder, Úrano fez uma terrível profecia.” em vez de, por exemplo, “Mas antes de se ter visto privado do poder, Úrano fez uma terrível profecia.”

6 Neste contexto, entende-se por criança de “tenra idade” aquela que se encontra a frequentar o ensino pré-escolar.

Pelo contrário, surgem com alguma frequência palavras e expressões que podem ainda não ser semanticamente muito inteligíveis para os mais pequenos (*cidadão, manjar, pontiagudo, voraz, colossal, séquito, jocoso, dissimuladamente, desfecho, aclamado, obscurecida*; como *levar avante, desafiar o poder, dar à luz, estar ao virar da esquina, tornar-se brincadeira de crianças*⁷). De qualquer forma, é um bom princípio, dado que fomenta a assimilação gradual destas estruturas. Para ajudar a colmatar eventuais dificuldades, quem conta a história pode, aqui e ali, explicar o sentido daquilo que lhe parece mais difícil; já o leitor “independente” deve ser incentivado a procurar no dicionário algumas palavras que, desconhecidas, comprometam a plena compreensão do texto. Tudo isto naturalmente, sem exageros, pois o que importa é despertar o gosto pela leitura e pela mitologia. De resto, não raras vezes, os autores procuram dar um tom jocoso ao texto⁸, como acontece no segundo volume, no momento em que os troianos ponderam queimar a oferenda do inimigo. Então, a narradora comenta: “Os nossos heróis estavam prestes a ser cozinhados como galinhas no forno.”

158

Outro elemento que constitui uma mais-valia desta coleção é a apresentação de uma moralidade associada ao mito no fim de várias histórias. Conquanto este aproveitamento seja habitual desde tempos imemoriais, poderia ter sido negligenciado. No caso do primeiro volume, *Teseu e o Minotauro*, porém, opta-se apenas por explicar a origem do nome do mar Egeu, fazendo jus à função etiológica do mito. Isso não obsta a que, ao longo da narrativa, se faça – de forma mais ou

7 Estes exemplos foram retirados do primeiro volume, *Teseu e o Minotauro*. D’ *O Cavallo de Troia*, pode aduzir-se *dar mostras de deitar mãos à obra, por um triz, renunciar, superar, intransponíveis, ardil, inexpugnáveis, êxito* e o uso da forma *cujas*, que está a cair em desuso.

8 Em *Zeus, o rei do Olimpo*, quando Métis lhe propõe provocar o vômito de Cronos, o jovem deus pergunta: “Não tens uma ideia mais higiénica?” e obtém como resposta “Faz o que te digo, Zeus, não sejas esquisito.” Este tipo de tiradas, que podemos considerar mais próprias da comédia, provoca certamente o riso dos mais pequenos que, de certo, já ouviram frases parecidas das pessoas mais velhas com quem convivem.

menos velada – o elogio dos valores que o herói personifica, como a coragem e a abnegação em prol dos concidadãos que sofrem. O facto de proporcionar, de forma mais ou menos consciente, este tipo de reflexão ética – que pode ser explorada por pais ou professores – e de suscitar o desejo de emulação de boas ações e bons valores é uma qualidade do mito e da coleção. Curiosamente, a ideia da emulação é sugerida no início do terceiro volume – *Os Trabalhos de Hércules* – quando a narradora descreve o hábito que as crianças da antiguidade tinham de ouvir contar histórias de deuses e heróis aos anciãos e diz que elas sonhavam ser como eles⁹.

Os anciãos contavam estas histórias e os mais novos sonhavam ser, um dia, tão rápidos como Aquiles, tão astutos como Perseu, tão belos como Helena ou tão firmes nas suas convicções como Antígona. (p. 28)

No segundo volume – *O Cavalo de Troia* – a presença da moralidade é evidente e introduzida pelo equivalente português da expressão grega habitual principalmente nas fábulas: *ὁ μῦθος δελοῖ ὄτι*.

159

Esta história mostra que, embora às vezes não pareça, a astúcia e a inteligência são mais poderosas do que a força, e também que não costuma ser boa ideia aceitar as ofertas do inimigo. Ao fazê-lo, os troianos cometeram o pior erro das suas vidas. O cavalo de madeira era um presente envenenado. Por causa desta má decisão, a poderosa Troia desapareceu da História, como se nunca tivesse passado de um simples sonho ou da invenção de um artista. (p. 28)

⁹ Esta informação não deixa de ser, de certo modo, motivo de orgulho para os pequenos leitores e ouvintes do século XXI e gera neles um sentimento de pertença a uma família mais vasta, enquanto herdeiros de valores e tradições comuns, pois também eles, volvidos mais de dois mil e quinhentos anos, continuam a ouvir esses relatos, a admirar e querer imitar os mesmos heróis.

O penúltimo parágrafo deste texto tem um pendor pedagógico notável, pois não só extrai moralidades como explica de que modo o desrespeito dos valores em causa levou à ruína de Troia. Por outras palavras, ensina pelo exemplo, ainda que neste caso o exemplo seja negativo¹⁰.

As duas últimas páginas de cada livro são dedicadas a curiosidades e à receção do mito, divulgadas em jeito de diálogo com o leitor, como atesta o excerto seguinte: “*O Minotauro é um dos monstros mais horrendos e espetaculares da mitologia grega, não achas? Ainda bem que o corajoso Teseu se atreveu a enfrentá-lo...*” (*Teseu e o Minotauro*). Estas frases servem de mote a informação de natureza diversa, como a explicação do sentido da expressão “fio de Ariadne”, a alusão ao quadro “Teseu mata o Minotauro” (Cima de Conegliano, 1505) e, numa perspetiva mais evemerista¹¹, a relação do labirinto mítico com o Palácio de Cnossos. Nessa parte final, há ainda uma secção intitulada “Sabias que...”, onde, no primeiro volume, se faz referência a Dédalo e às suas invenções¹².

160

Outro ponto de análise que, enquanto classicista, importa observar é a recriação do mito nesta coleção. De uma maneira geral, todas as narrativas seguem as versões mais conhecidas dos mitos em causa. No entanto, em *Teseu e o Minotauro*, apenas se atribui o suicídio de Egeu à dor causada pela crença de que o filho tinha morrido, sem nunca se associar essa explicação à promessa que Teseu tinha feito ao pai, mas não cumpriu: anunciar, por meio da vela branca içada, que regressava são e

10 Este é um dos princípios pedagógicos de que as sucessivas gerações se têm servido para educar os mais jovens. Plutarco (ca. 50-125 d.C.), por exemplo, defende que devemos dar preferência ao exemplo positivo para promover a emulação do bem e não dar a ideia de que o mal deve ser imitado. No entanto, pode-se e deve-se recorrer aos exemplos negativos sempre que, pela dimensão das suas consequências trágicas, ele seja mais eloquente.

11 Segundo Evémero (século IV-III a. C.), os mitos têm fundamento histórico e não são mais do que versões idealizadas das vidas de pessoas reais que se distinguiram pelos seus feitos.

12 Já no segundo volume esclarece-se o sentido que hoje se dá à expressão *cavalo de Troia*. Aí se conta o destino de Laocoonte e apresentam-se Homero, o carpinteiro Epeu e Heinrich Schliemann, arqueólogo responsável pela descoberta das ruínas de Troia em 1870.

salvo. Tendo em conta que o texto se destina a crianças, essa omissão pode ser propositada, para evitar excesso de comoção¹³. Note-se ainda que, em relação ao abandono de Ariadne em Naxos, se segue a versão de acordo com a qual ela adormeceu e, por isso, foi abandonada. Isto permite-nos, portanto, inferir que os autores conhecem bem os mitos.

O grafismo do texto é agradável, os caracteres são suficientemente grandes e as linhas suficientemente espaçadas. A lamentar apenas dois pormenores subtis: que o texto não esteja justificado mas alinhado à esquerda, e que páginas e volumes não estejam numerados. O primeiro, porque o respeito das margens seria um bom exemplo para as crianças que se encontram no início da escolaridade obrigatória e que têm cada vez mais dificuldade em respeitá-las; o segundo, porque a numeração das páginas facilita a referência do texto e a dos volumes, a ordenação dos livros: é que as crianças, quando querem organizá-los, sentem necessidade de os colocar pela ordem por que foram postos à venda. Quanto ao grafismo, importa referir ainda que, em cada página (ou par de páginas), surge uma frase ou expressão destacada a cores (que vão variando e são repetidas de forma aparentemente aleatória, sem obedecer a qualquer padrão). Fica a impressão de que se procura sublinhar a cada momento a ideia mais importante com o fim último de, juntando cada uma delas, obter um resumo da narrativa. Isso parece acontecer de forma eficaz n'*O Cavalo de Troia*, mas de forma menos coerente e coesa em *Teseu e o Minotauro*. Mero acaso que a súmula não resulte sempre tão bem? Ou teriam os editores tão-só o objetivo de quebrar a monotonia gerada pelo preto constante das letras?

161

13 Tal como o deve ser a não referência a Íficles, irmão gémeo e mortal de Hércules, e a omissão da verdadeira causa dos doze (dez mais dois nesta versão, que segue a de Apolodoro) trabalhos que teve de cumprir (*Os trabalhos de Hércules I*). Nesta coleção, os dez trabalhos surgem como castigo pela rebeldia e insolência do jovem herói, que terá de se submeter ao primo Euristeu por doze anos e não como resultado da vingança de Hera. Quando os trabalhos começam a ser apresentados, porém, é Hera quem surge como responsável pelos desafios a que o herói teve de se sujeitar.



162

As ilustrações de Christian Villacañas e Jaume Cullerll são coloridas, expressivas e conseguem, não raras vezes, fazer sorrir. A título de exemplo, observemos a primeira imagem de corpo inteiro do Minotauro que figura no miolo do volume respectivo e que, certamente, influenciará a primeira impressão que o monstro causará nos leitores.

Nesta imagem, que ocupa na íntegra a página da esquerda, a poça de sangue sobre a erva, bem como a barba, mãos e braços ensanguentados do ser híbrido (“metade homem, metade touro”) fazem jus às palavras de Clio, segundo a qual o Minotauro é “um dos [monstros] mais horrendos e temíveis (...); uma besta feroz (...) que se alimentava de carne humana”. No entanto, o trejeito do monstro, que surge, sentado, a palitar os dentes, de olhos cerrados e sobrancelhas levantadas, resulta engraçado e, por isso, acaba por provocar empatia para com ele e por dissipar o medo que as palavras da musa da História poderiam suggestionar nos pequenos leitores.

Na página oposta, vê-se Clio, de olhos esbugalhados, mãos à frente do queixo e gotas de suor a correr pelo rosto, para representar o medo

que qualquer pessoa deveria sentir na presença de um ser capaz de suscitar o pavor de quantos ouvem falar dele. Não é difícil imaginar que uma criança mais pequena, ao contemplar as duas imagens, sinta o temor de Clio como exagerado e comece a entoar: “Medricas! Medricas!” Para esse sentimento de “valentia” – que de algum modo se configura como resposta à última pergunta da página “Mas quem teria coragem de o fazer? (sc. enfrentar o Minotauro)” –, também contribui o posicionamento da representação de Clio no conjunto das duas páginas: ela aparece no canto inferior direito, sobre um fundo diverso do da imagem do terrível monstro, o que sugere que ela não está no mesmo espaço que ele, logo não tem razão para sentir tanto medo.

Estas duas imagens – e a conjugação que delas se faz com o texto – ilustram, *per se*, a boa impressão que a coleção tem vindo a causar até ao momento. Quem está habituado a lidar com crianças sabe que, de uma maneira geral – sobretudo se o risco não é premente – elas sonham derrotar os maus, ter superpoderes e sentir-se os mais corajosos de entre os seus pares. Ora, é exatamente esse tipo de sentimentos que o conjunto consegue suscitar, dando azo a que os pequenos leitores, que poderão estar a fazer o seu primeiro contacto com a mitologia greco-romana, se sintam fascinados e fiquem curiosos por este tipo de narrativa.

A estratégia de publicação semanal terá certamente origem em teorias de *marketing* e afins, com o intuito de manter vivo o interesse do consumidor e, até, ao mesmo tempo, de diluir percepção do custo da coleção (à exceção do primeiro volume¹⁴ que tem o valor de 1€, os restantes são vendidos a 6,9 €). No entanto, acaba por se constituir numa ferramenta educativa importantíssima, posto que, além de lhes acirrar a curiosidade, ajuda os mais pequenos a aprender a esperar e a gerir a ansiedade causada pela espera, a não ver as suas vontades satisfeitas no imediato.

¹⁴ Com esse volume, foi oferecido um cartaz com a representação gráfica de todos deuses e seres míticos que protagonizam as aventuras desta coleção.

Eis a capa do volume inicial (DAL MASCHIO, Eduardo Acín - **Teseu e o Minotauro**. Il. Christian Villacañas, Jaume Cullell; trad. Ivan Figueiras; rev. linguística Alda Rocha . [S.l.] : Atlântico Press, cop. 2019. [32] p. : il. ; 25 cm. (Mitologia para crianças). Tít. orig.: Teseo y el Minotauro. ISBN 978-989-8989-05-5):



164

Todos os volumes são robustos, com miolo impresso em papel de qualidade e com capa dura, na qual figuram, além do título, a designação da coleção e uma das imagens que ilustram a história.

Segue-se um quadro com os títulos dos volumes para que se possa perceber que mitos são abordados nesta coleção.

Mitologia para crianças	
Teseu e o Minotauro	Castor e Pólux
O Cavallo de Troia	Ulisses e os Monstros Marinhos
Os Trabalhos de Hércules (I)	Pigmalião e Galateia

Zeus, o Rei do Olimpo	O Castigo de Sísifo
Prometeu, o Ladrão do Fogo	Dido e Eneias
Os Trabalhos de Hércules (II)	Ulisses, Calipso e Nausícaa
A Viagem de Ulisses: os Lotófagos	O Desafio de Aracne
O Mito de Pandora	Apolo e Dafne
O Herói Aquiles	A Maldição de Cassandra
O Voo de Ícaro	O Nascimento de Afrodite
Perseu e Medusa	Ulisses Regressa a Ítaca
Ulisses na Terra dos Ciclopes	Eco e Narciso
Hades, Deméter e Perséfone	O castigo de Tântalo
A Maçã da Discórdia	Fineu e as Harpias
Jasão e os Argonautas	Filémon e Báucis
Ulisses Perde a Sua Frota	Cupido e Psique
Belerofonte e Pégaso	As Amazonas em Leuce
Rómulo e Remo	Hélio e o Carro do Sol
Helena de Troia	Édipo e a Esfinge
O Ouro do rei Midas	Deucalião e Pirra
Ulisses e a Feiticeira Circe	Oríon e as Constelações das Duas Ursas
Orfeu e Eurídice	Dioniso, o Deus da Videira
Apolo e os Seus Oráculos	

A observação cuidada desta lista revela, sem surpresas, que é dada primazia a episódios relacionados com a Guerra de Troia e com os *erros* de Ulisses, repartidos por vários volumes.

Em suma, esta coleção cumpre com mestria os seus objetivos: dar a conhecer os mitos que vêm influenciando a cultura ocidental há mais de 2500 anos e cuja ignorância impede a plena compreensão

da nossa identidade enquanto herdeiros de gregos e romanos. Num contexto em que muitos desconhecem estas referências culturais e em que o próprio sistema educativo contribui pouco para a formação das gerações mais jovens nessa área, é com muito agrado que acolhemos publicações desta natureza. No entanto, porque a divulgação da coleção foi feita apenas para os primeiros volumes e só no periódico a que está associada (e, em linha, em <http://campanha.cmjornal.pt/mitologia-para-criancas/>) parece-nos que, lamentavelmente, não terá chegado a muitas crianças.